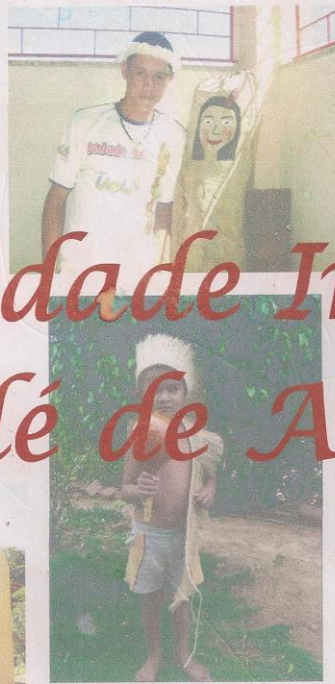
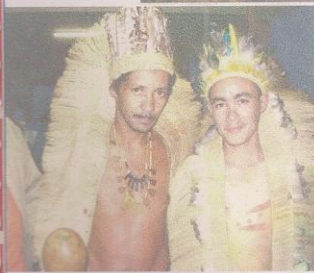
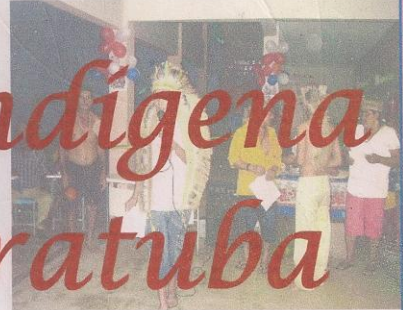
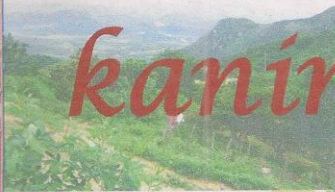




# Mapeamento Cultural



# Comunidade Indígena Kanindé de Aratuba



Aratuba - Ceará  
2008





## Identificação Sumário Expressão Cultural

<i>Apresentação</i> .....	3
<i>Identificação da Expressão Cultural</i> .....	4
<i>Manifestações Culturais e Eventos</i> .....	7
<i>Ofícios e Modos de Fazer</i> .....	13
<i>Lugares, Prédios e Construções</i> .....	19
<i>Lendas, Superstições e Curiosidades</i> .....	23
<i>Brincadeiras e Brinquedos Infantis</i> .....	26
<i>Figuras Populares</i> .....	31
<i>Expressões e Vocábulos Locais</i> .....	39
<i>Instituições e Entidades Locais</i> .....	42
<i>Reflexões feitas pelas crianças da Escola Indígena sobre o que é ser índio Kanindé de Aratuba</i> .....	46
<i>Jovens que realizaram o trabalho</i> .....	49

comunidade indígena associação indígena.

Ele começa falando sobre o sítio Fernandes, seus bisavós moravam em uma casa de taipa naquele local, com o passar do tempo foram chegando novas pessoas e colocaram o nome de Fernandes. Assim como os bisavós de Cicero, ainda existem famílias morando em casas de taipa, mas a maioria das famílias moram em casas de alvenaria. A área da comunidade é de aproximadamente 700 hectares, dividido em serra, quebrada e sertão, com ótimas terras para plantação. A comunidade dispõe de água encanada, saúde e educação de qualidade.

bisavós de Cicero, ainda existem famílias morando em casas de taipa, mas a maioria das famílias moram em casas de alvenaria. A área da comunidade é de aproximadamente 700 hectares, dividido em serra, quebrada e sertão, com ótimas terras para plantação. A comunidade dispõe de água encanada, saúde e educação de qualidade.





## *Identificação da Expressão Cultural*

*Município: Aratuba*

*Estado: Ceará*

*Mobilizadora Cultural: Maria Telma Santos Passos*

*Nome da expressão cultural selecionada: Comunidade Indígena Kanindé de Aratuba*

*Tipo de Expressão Cultural: História Local e Territórios*

O município de Aratuba está localizado no Maciço de Baturité, uma região muito bonita, com mata abundante, nossa cidade é a última da serra, o que a torna ainda mais atraente. Em Aratuba, na comunidade Fernandes, situada a 5 Km de sede, vive um povo de cultura rica e com muitos ensinamentos para nos dá: os índios Kanindé de Aratuba. Quem nos contou um pouco da história deste povo foi Cícero Pereira dos Santos, líder comunitário e presidente da associação indígena.



Ele começa falando sobre o sítio Fernandes, seus bisavós moravam em uma casa de taipa naquele local, com o passar do tempo foram chegando novas pessoas e colocaram o nome de Fernandes. Assim como os bisavós de Cícero, ainda existem famílias morando em casas de taipa, mas a maioria das família moram em casas de alvenaria. A área da comunidade é de aproximadamente 700 hectares, dividido em serra, quebrada e sertão, com ótimas terras para plantação. A comunidade dispõe de água encanada, saúde e educação de qualidade.





A comunidade Fernandes é formada por 150 famílias, porém apenas 89 famílias se consideram indígena e mantêm a cultura deste povo. Esse fato gera muita polemica na comunidade, pois pessoas da mesma família se consideram de etnias diferentes.



“Os índios da tribo Kanindé eram nômades e uma parte deles se arranchou em Quixeramobim”, diz Cícero e “para fugir da seca que castigava o nosso povo, em 1815, eles se refugiaram em Aratuba, no local chamado Fernandes”, acrescenta. Cícero afirmou que os índios sobreviviam da caça de pequenos animais e da agricultura. O povo Kanindé aprendeu a cultura dos brancos e passaram por um processo de transformação muito forte, a sua identidade estava sendo perdida e a memória esquecida.

Cícero afirmou que há anos atrás um grupo formado por ele e outros companheiros decidiram cultivar a tradição e a cultura indígena, “a luta não foi fácil, mas cada conquista é uma vitória, já conseguimos muito, mas ainda temos que vencer muitos desafios”, diz o líder. Um dos desafios a ser enfrentado é o preconceito que ainda existe.

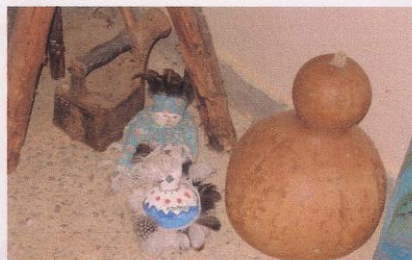
A tribo Kanindé tem uma cultura bastante rica e para manter sua história viva possuem um museu indígena, no local os índios expõem seu artesanato, caças, animais empalhados e armas utilizadas nas caçadas. Também possuem uma escola indígena, lá as crianças aprendem muito sobre seu povo.



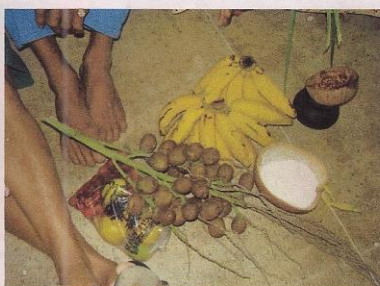




O artesanato tem grande importância na comunidade, são feitos objetos de madeira, como prato, colher, bonecos e enfeites, em barros e da fibra da bananeira.



Os rituais da tribo acontecem periodicamente, neste agradecem a Deus Tupã dançando o toré e bebendo o mocoororó, bebida feita de caju. Nos rituais usam as roupas características e pintam o corpo, as crianças também participam destes momentos. O povo Kanindé tem a maraca com uma cobra acima desta como símbolo da tribo.



A comunidade sobrevive da agricultura de subsistência e dos trabalhos artesanais. A tribo já é reconhecida pela FUNAI e sua próxima conquista será a posse das terras.

A tribo está organizada, tem um cacique conhecido como Sotero, um pajé e uma associação, a AIKA - Associação Indígena Kanindé de Aratuba - da qual nosso entrevistado é presidente.

Para Cícero a importância dessa manifestação é que "a cada dia os índios estão ganhando mais reconhecimento e que as crianças estão crescendo com a cultura indígena em sua identidade", finalizou.

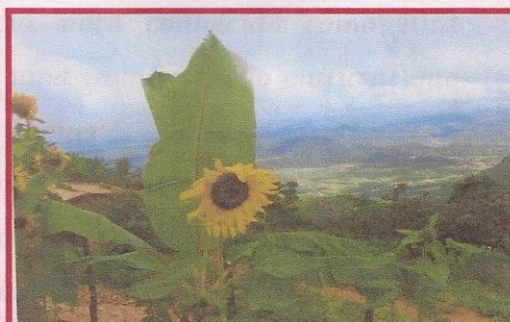
Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos





*Roubo do Sento*

# Manifestações Culturais e Eventos



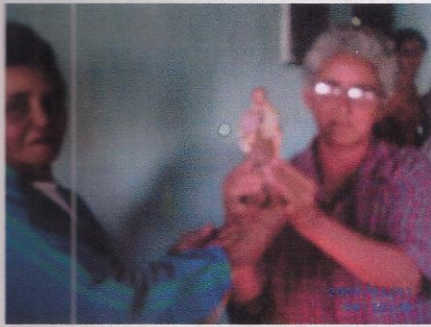
*...mais importante é passar esta tradição para as outras pessoas.*

*Texto de Suedo Gomes Martins, 16 anos*





## Roubo do Santo



para Dona Rita dos Santos Lúcio, mais conhecida como Rita Pequeno, nos conta a história de uma manifestação cultural que existe desde quando ela era muito pequena: o roubo do Santo.

Nossa entrevistada afirmou que quando o inverno está muito ruim, uma pessoa da comunidade rouba um santo da casa de seu vizinho, sem que o dono saiba. Em junho, quando o inverno acaba com uma boa colheita, a comunidade se reúne e faz uma caminhada até a casa do dono do santo, no percurso passam pela capela, nas casas dos doentes e, por fim, na casa do dono do santo. Quando chegam lá, as pessoas rezam um terço, cantam benditos e comemoram o inverno.

“O mais bonito é que todo mundo participa, adulto, criança, idoso, todos vão agradecer o santo”, diz Rita Pequeno, para ela o mais importante é passar esta tradição para as outras pessoas.

Texto de Suerdo Gomes Martins, 16 anos





## *Festa de São José*

Os festejos de São José é uma das festas mais tradicionais da comunidade de Fernandes, acontece uma vez por ano no período de 09 a 19 de março. Quem nos fala um pouco sobre esta manifestação é Rita Pequeno, 65 anos, animadora dos festejos.

*Idosa* “Nós tirava o terço nas casas de primeiro de fevereiro até o dia 19 de março e fazíamos caminhadas até o rajado para agradecer a São José pela boa colheita que ele nos dava e íamos para a cidade de Aratuba no dia 19 de março”, diz Rita Pequeno, que também afirma que faziam penitências para que São José mandasse um bom tempo.

*Idosa* “Hoje temos uma capela e as novenas acontecem lá”, diz. Nos festejos tem gente de todo lugar, já é tradicional no município. “Nestas ocasiões todos se reúnem: índios, pretos, brancos, é uma união só”, relata D. Rita Pequeno.

*Idosa* Para nossa entrevistada “o festejo é uma maneira de agradecer ao nosso padroeiro São José pela nossa saúde, pelo bom tempo, pelo inverno e por nos proteger, em especial nós agricultores nessa caminhada de muito trabalho”. Acrescenta que “todas as crianças desde pequenas acompanham e aprendem à origem da devoção, para irem passando de geração a geração em geração”.

Texto de Cleonice Agostinho da Silva, 17 anos e Fabíola Barroso da Silva, 16 anos





## Jogos Indígenas

Suzenilson da Silva Santos, 24 anos, mais conhecido como Nalson, nos conta um pouco sobre os jogos indígenas.

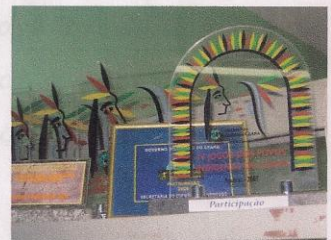
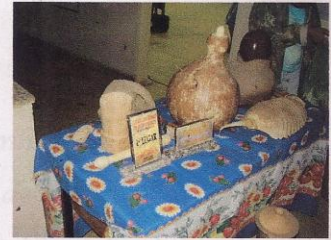
“Eles acontecem em nossa comunidade desde o ano 2000, uma vez por ano”, afirma Nalson.

Os jogos contam com a participação de crianças, adolescentes e adultos, cerca de 60 pessoas jogando e um público maior ainda assistindo as competições. São vários tipos de jogos, arco e flecha, corrida da tora, cabo de guerra, queda de braço e outros jogos mais populares como o futebol e o atletismo, eles servem de preparação para a olimpíada estadual indígena.

Neste evento participam os índios das comunidades Fernandes, Balança e Gameleira. A pira olímpica é o símbolo do evento, quando acesa significa que os jogos se iniciaram.

Para Nalson, “o objetivo dos jogos é resgatar a cultura de meu povo, fortalecendo a história indígena de minha comunidade”, afirma.

Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos e  
Eduardo da Silva Vieira, 16 anos



No dia 14 de abril aconteceu na comunidade de Balança o Jogos Indígenas da Etnia Kanindé de Aratuba. Participaram do evento os índios de Fernandes, Balança e Gameleira.

Para recordar a pira olímpica, deu-se início as competições. Durante todo o dia os tribos participaram de vários jogos como atletismo, tênis masculino e feminino, arco e flecha, queda de braço, cabo de guerra e corrida da tora.

Segundo Suzenilson o maior objetivo desse movimento é mostrar a sociedade que o nosso povo está organizado e que os índios e sua organização vivem à Aratuba.

“Esses jogos é uma preparação para a olimpíada estadual indígena que será realizado no município de Aguiar”, informou Suzenilson aos convidados dos jogos.

O processo de reconhecimento dos Índios Kanindé de Aratuba pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) já é uma realidade, em relação, ainda falta a demarcação das terras da aldeia Kanindé, que hoje possui com 142 famílias que se assentam indígena.

Para o sucesso do evento, vários foram as colaborações de instituições e do governo poder público, que através do prefeito Walter Santos muito contribuiu para a realização do evento.

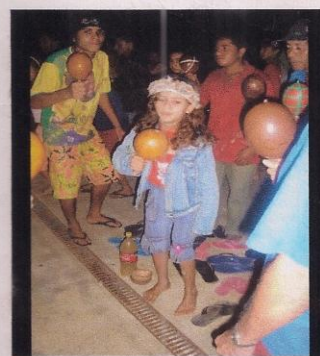






## Toré

Elenilson Gomes dos Santos, conhecido como Pelado, nos conta a história de uma das manifestações culturais mais importantes para os índios Kanindé: o Toré.



Esta manifestação faz parte do ritual de agradecimento. “O Toré já era dançado, mas somente no ano de 1995, quando o povo Kanindé Assume publicamente sua origem, é que passou a fazer parte do costume do povo”, afirma Elenilson. Ele acrescenta que “o toré tem origem desde o início do povo Kanindé, que dançavam para buscar força com os encantados para as lutas e como uma forma de agradecimento ao seu Deus”.

O ritmo é calmo e sereno, características do povo Kanindé. Os instrumentos utilizados são maracás feitas de coité e tambores de madeira, as músicas falam de animais, plantas e agradecimento a Deus, a dança é realizada em rodas. Os trajes são feitos de pena, são utilizados cordões e pulseiras de sementes de cores variadas, também é utilizado o cocá, feito de pena.

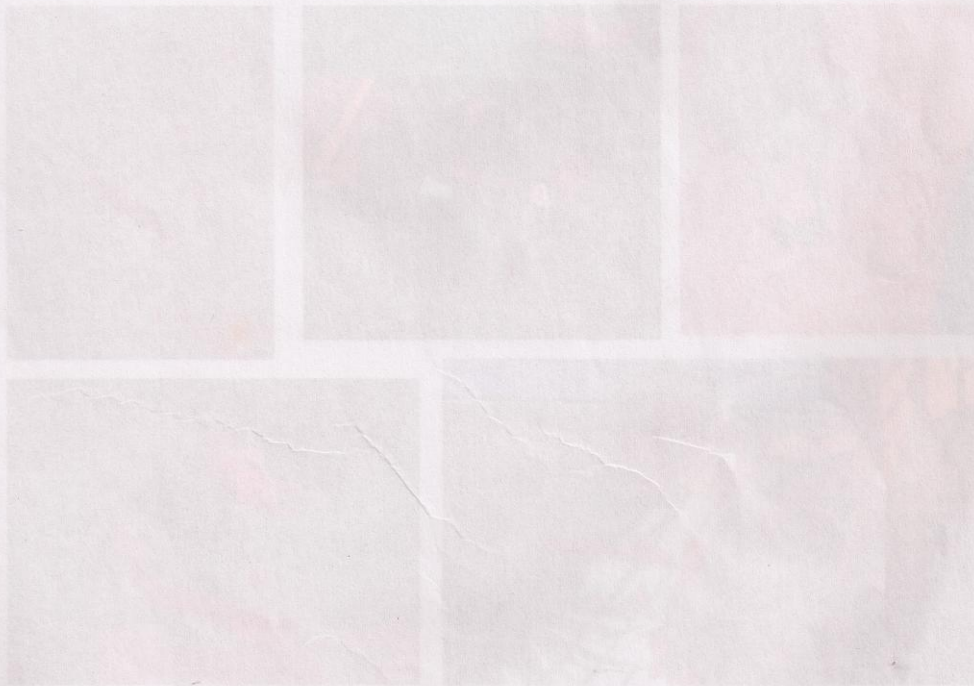




O toré é dançado nos rituais sagrados dos índios Kanindé. Na escola indígena é dançado diariamente para que as crianças mantenham a cultura. Os índios também se apresentam em eventos culturais, “as pessoas de fora gostam muito de ver a gente se apresentando”, afirma Elenilson.

Para ele, “a importância é de sempre estar fortalecendo o povo e buscando paz interior, com a natureza e estar buscando força com o encantado”,

Texto de Cleonice Agostinho da Silva, 17 anos



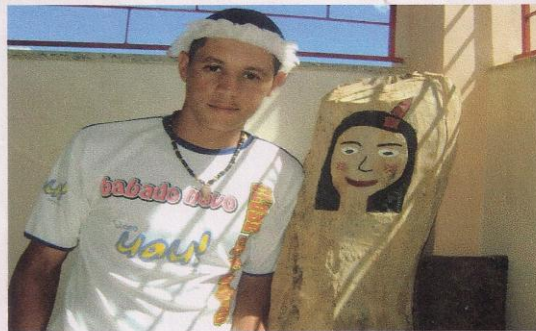
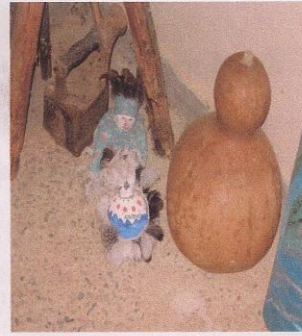




Boneca de Pano

Marie Zilma Gomes das Santos,  
nos fala sobre o produto de seu  
sempre fazia as bonecas de pano  
só observando, até que  
se sabia fazer a boneca, e fez uma  
peça linda. Para fazer as bonecas de  
pano é preciso algodão, fio de

# Ofícios e Modo de Fazer



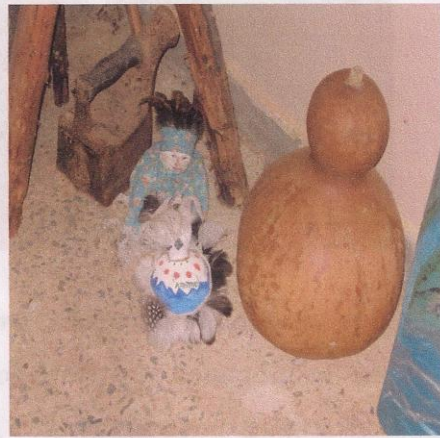




## Artesana Boneca de Pano

María Zilma Gomes dos Santos, nos fala sobre o produto de seu trabalho, a boneca de pano.

Dona Zilma afirma que sua mãe sempre fazia as bonecas e ela ficava só observando, até que um dia foi ver se sabia fazer a boneca, e fez uma peça linda. Para fazer as bonecas de pano é preciso algodão, fio de lã, linhas de cores variadas, pano e agulha.



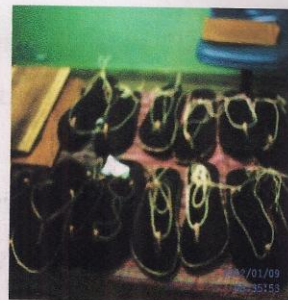
As bonecas são vendidas, assim ela pode ajudar na renda da família, “mas o que me deixa feliz é saber que minhas bonecas fazem a alegria de muitas crianças por esse mundo afora”, finaliza.

Texto de Suerdo Gomes Martins, 16 anos





## Artesanato da Palha de Bananeira



Os artesanatos da palha de bananeira são muito comuns na comunidade de Fernandes, quem vai nos falar um pouco sobre ele é Maria Dagmar Teixeira Vieira Lucio, conhecida como Dagmar.

Dagmar é descendente de índios e, portanto, se considera com tal. Ela disse que aprendeu a fazer os artesanatos com as mulheres da comunidade, que viam o grande desperdício para fibra da bananeira e a possibilidade de gerar renda para a comunidade.

“A gente aprendeu fazendo só, mas quando viram que a gente tinha talento, mandaram cursos para a gente se aperfeiçoar. Hoje a gente sabe fazer de um tudo, bolsa, carteira, agenda, tapete. Vamos colocando nossa cabeça para funcionar e sai muita coisa”, relata Dagmar.

“O artesanato é feito em nossa casa, às vezes vamos para as casas das vizinhas para trabalhar e conversar”, acrescenta.

Para Dagmar o artesanato é importante porque serve de renda para as famílias, podendo dar condições melhores para suas crianças.

Texto de Wesllandya Vieira Lucio, 13 anos





## *Farinha*

*Maria Pereira dos Santos, conhecida como Maria Porfírio, 67 anos, natural de Gameleira, distrito de Canindé, nos fala um pouco sobre a produção de farinha.*

*Dona Maria diz que quando era moça trabalhava raspando mandioca junto com sua família e vizinhos para poder fazer a farinha, que servia de alimentação para todos. Ela diz que em seu tempo era difícil trabalhar com a mandioca porque era tudo manual e cada um fazia a sua farinha. “A partir de 1970 chega em Aratuba dois padres, eles ensinaram na comunidade como devia ser trabalhar em grupos, a partir daí as famílias dos Fernandes começaram a fazer suas atividades em grupos, uma delas foi a farinha”, afirmou.*

*“Para fazer a farinha primeiro rapa a mandioca, coloca na prensa, espreme, peneira a massa, leva a massa para o tacho pra torrar e está pronta a farinha”, afirma Maria Porfírio. Ela nos conta que em sua época quase ninguém sabia aproveitar a mandioca, só faziam farinha e goma pata beiju. “Hoje está tudo mudado, o povo faz, mas é tudo bem temperado, cada um sabendo mais que o outro”, acrescenta.*

*Dona Maria diz que a farinha é uma importante fonte de alimentação para as crianças e adolescentes.*

*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos*





## Artesanato de Madeira



João Maciel dos Santos Souza, 40 anos, trabalha com artesanato de madeira, ele nos conta um pouco sobre o seu trabalho com a madeira.

“O artesanato surgiu a muitos anos, mas eu acho que a maior influência foi de meu pai, foi ele que começou desde criança e nos ensinou. Nós nunca fizemos curso, apenas usamos nossa imaginação e fazemos do jeito que imaginamos. Somos uma família pobre, que buscamos do artesanato e meio de sobreviver”, diz João Maciel.

O artesanato é feito na casa em que eles moram, em um quarto específico para isso. “Para fazer os objetos primeiro tem que pegar a madeira no mato e lavar, depois é feito o molde, é passado o crote para cavar o desenho, em seguida passa a lixa e o verniz só no final”, explica. O resultado deste trabalho é a confecção de vários objetos como colher de pau, travessa, garfo, copo, esculturas e etc.

João Maciel afirma que além de ser um meio de vida, o artesanato serve para tirar as crianças da rua, pois estando ocupadas elas não se envolvem em problemas.

O artesão finaliza afirmando que “é muito bom trabalhar com o que gostamos e eu gosto muito do que faço”.

Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos e Eduardo da Silva Vieira, 16 anos





## *Mocororó*

*O mocororó é uma bebida típica dos índios Kanindé. Rita Silva Alexandre nos fala um pouco sobre esta bebida.*

*“Ele é produzido através do caju, a gente utilizava o mocororó apenas para uso doméstico, mas depois que tivemos contato com dos índios da tribo tremembé e tapeba, utilizamos nos rituais sagrados”, explica.*

*Fabricado em terreiros, o mocororó é feito da seguinte maneira, “pegar-se o caju, lava e coloca em uma garrafa, deixa por um período de até um ano dentro de cabaças ou potes de barro, esse processo é chamado de curtição, depois desse período, o líquido é coado e está pronto o mocororó”, diz Rita.*

*“Bebemos o mocororó em noites festivas ou em alguma conquista de nosso povo, tem o poder de ajudar a relaxar para que no dia seguinte a gente possa lutar e obter mais conquistas. Quando bebemos o mocororó no momento que estamos dançando o toré, sentimos nossos corpos ficarem leves e não vemos o tempo passar”, acrescenta.*

*“O mocororó é mais uma de nossas tradições, que nunca há de se acabar. Se você ainda não bebeu o mocororó, experimente, que ele é muito agradável”, finaliza.*

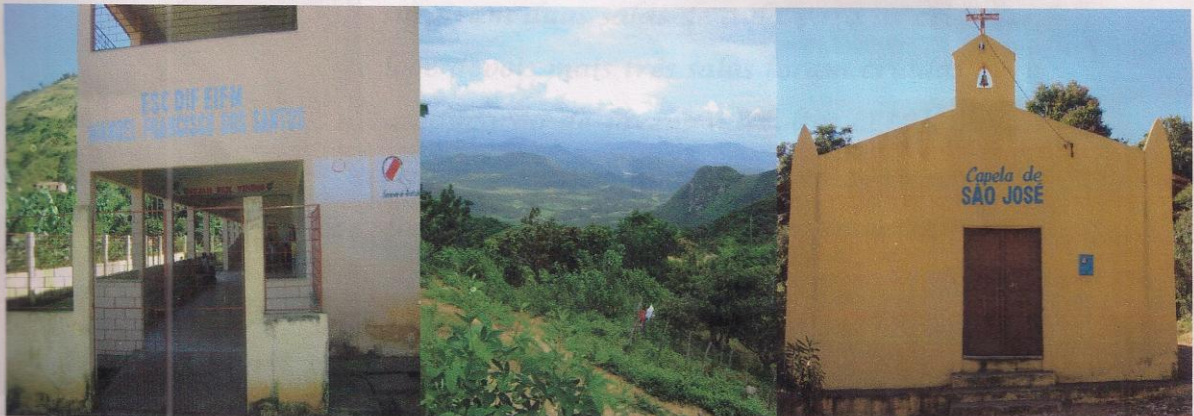
*Texto de Eduardo da Silva Vieira, 16 anos*





## Escola Indígena

# Lugares, Prédios e Construções



muito importante para a construção de um novo prédio, porém houve fortes ameaças por parte dos não índios. Superado esse problema, hoje temos um prédio com três salões, amplas salas de aula, mobiliadas, e com estrutura para receber mais do que os atuais 66 alunos do ensino fundamental e os 70 alunos do EJA.

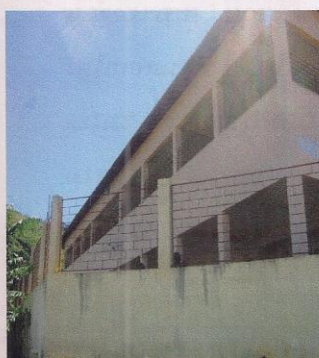




## Escola Indígena



A Escola Manuel Francisco dos Santos fica localizada na comunidade indígena Fernandes, da etnia Kanindé, na zona rural de Aratuba. Quem nos contou um pouco sobre a história desta escola foi Elenilson Gomes dos Santos, conhecido como Pelado, apelido dado por seu pai.



Pelado é diretor da escola, afirmou que desde 1999 foi iniciado o projeto para o funcionamento da escola. “No começo surgiram duas salas de aula para as crianças, logo depois mais três salas foram criadas para a educação de jovens e adultos (EJA). Com o tempo o espaço ficou pequeno para atender todos que queriam frequentar as aulas, e outras salas passaram a serem improvisadas nas casas da comunidade”, afirma Pelado.



No ano de 2005 foi dado um passo muito importante para a construção de um novo prédio, porém houve fortes ameaças por parte dos não índios. “Superado esse problema, hoje temos um prédio com dois andares, amplas salas de aula, mobiliadas e com estrutura para receber mais do que os atuais 66 alunos do ensino fundamental e os 78 alunos do EJA.





na 10/11

Também temos uma sala específica para iniciação em informática, sala dos professores, cantina, diretoria, banheiro e pátio coberto”, afirma Pelado. Neste ano a escola teve mais uma conquista, um livro confeccionado pelos professores foi distribuído na escola, assim todos podem ter acesso e conhecer melhor a sua história.



Nosso entrevistado também conta que todos os professores que trabalham na escola foram escolhidos pela comunidade e passaram por um curso de preparação, tendo a função de informar e educar as crianças. “A importância deste trabalho é de estar preparando essas crianças e jovens para um futuro melhor através da educação diferenciada e da luta pela terra”, finaliza Pelado.

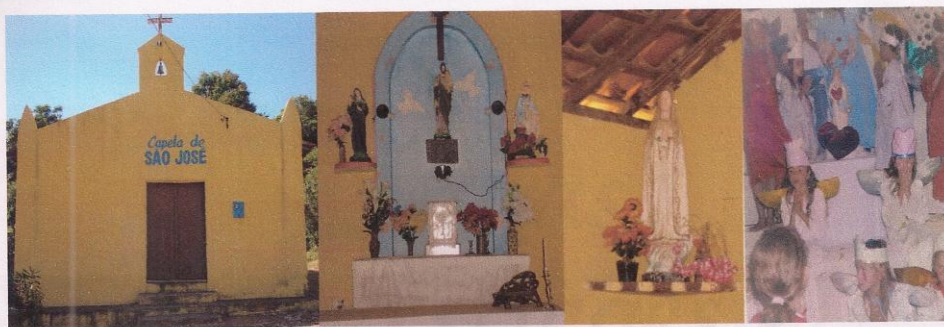


*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos*





## Capela de São José



A Capela de São José está localizada bem no centro da comunidade de Fernandes, lá a comunidade se reúne para rezar e debater assuntos da comunidade. Auzira Gomes da Silva, conhecida como Tia Alzira, nos contou um pouco sobre esta capela.

Tia Auzira afirmou que a capela foi construída por toda a comunidade, “fazíamos de tudo para arrecadar dinheiro, o povo botava a mão na massa e ia trabalhar”, relata.

Na capela as pessoas se reúnem para fazer trabalho comunitário, debater sobre o que será feito na comunidade e atos religiosos. “É lá que ensinamos as crianças a rezar, são realizadas reuniões com os crismantes, casamento e batizados”, finaliza Tia Auzira.

Texto de Wesllândya Vieira Lúcio, 13 anos

Figura retirada do livro *Fruto que brotou pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé*





## Lenda da Caipora

Francisca Evandro das Santos Silva, 19 anos, contou uma história que sempre escutou de seu pai e de seus avós, a lenda da caipora.

Segundo Evandro, dizem que quando estão em casa e escutam assobios ou sons que quebram a quietude da caipora, a caipora está ali. Para não ser assustado, é preciso andar com um pedaço de fumo de cordão na mão, pois ele coloca o fumo embaixo da caipora.

Os caçadores consideram a caipora um bicho "medoavel" porque eles nunca conseguiram ver, nem matar. Em nossa aldeia existe caçador que recebeu um pedaço de fumo de cordão de um



Figura retirada do Livro *Fruto que brotou pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé*





## Lenda da Caipora

Francisco Evandro dos Santos Silva, 19 anos, contou uma história que sempre escutou de seu pai e de seus avós, a lenda da caipora.

Segundo Evandro, “os caçadores da aldeia dizem que quando estão em casa e escutam assovios e garranchos quebrando é a caipora que está por perto. Para matar a caipora é preciso andar com um pedaço de fumo dentro de um saco, aí ele coloca o fumo em cima de uma pedra para chamar atenção da caipora”.

“Os caçadores consideram a caipora um bicho imbatível porque eles nunca conseguiram ver, nem matar. “Em nossa aldeia existe caçador que já levou pisa da caipora e contou que foi um sufoco conseguir sair dela”, relata Evandro.

Para o jovem esta manifestação “é importante para que as crianças possam imaginar algo diferente, que não é comum na nossa realidade, pois é muito bom escutar essas histórias”.

Texto de Terezinha dos Santos, 21 anos





## Lenda do Currau

Raimundo Lourenço da Silva, 82 anos, nos contou uma lenda muito esquisita, a lenda do currau.

“Meus pais contavam que para virar bicho era só ir no currau, tirar a roupa e deixar ao verso e se espojar no chão igual a uma cavalo, burro ou jumento. Mas tinha que voltar antes que o galo cante, senão não voltava amais ao normal e virava bicho pra sempre”, relata.

Seu Raimundo finaliza dizendo que “são lendas antigas, mas acho que cada um tem o direito de saber e acreditar se quiser”.

Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos e Eduardo da Silva Vieira, 16 anos

Figura retirada do Livro Fruto que brota pela terra. Povo Kanindé - Aratuba e Canindé





## Cavalo de Pau

Sueldo Gomes Martins relata uma brincadeira que seu pai gostava muito de brincar e ele de tanto ouvir suas histórias acabou também brincando com o cavalo de pau.

# Brincadeiras e Brinquedos Infantis

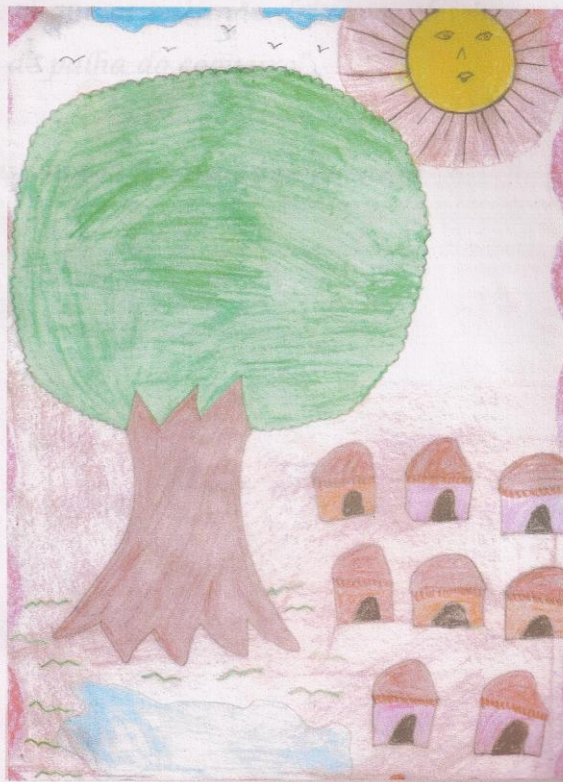


Figura retirada do Livro *Fruto que brotou pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé*





## Cavalo de Pau

Suerdo Gomes Martins relata uma brincadeira que seu pai gostava muito de brincar e ele de tanto ouvir suas histórias acabou também brincando com o cavalo de pau.

“Para montar o cavalo precisa de uma folha do coqueiro e um cordão, mais ou menos 3 ou 4 crianças disputando corrida de cavalo no terreiro de casa”, relata Suerdo, que acrescenta dizendo que “os mais velhos não tinham o que fazer, eles queriam andar a cavalo, mas só que os pais não deixava, eles inventaram o cavalo de pau feito de palha do coqueiro”.

Texto de Wesllândia Vieira Lúcio, 13 anos





## *Canção* Pular Corda *obra*

Pular corda é uma brincadeira muito antiga, mas as crianças de hoje ainda gostam de brincar. Terezinha Lourenço da Silva, 51 anos, conta que era uma de suas brincadeiras preferidas.

“O material utilizado é apenas uma corda, pode participar quantas crianças quiserem, é só bambear a corda e pular, quem bater na corda sai”, relata Terezinha.

Nossa entrevistada afirmou que sempre brincava no terreiro de casa e nas calçadas. Para ela essa brincadeira é uma forma de tirar as crianças da rua.

*Ele brincava no terreiro de sua casa e nos quintais que*  
Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos e Eduardo Silva  
Vieira, 16 anos

*ava rolo de manissobra para fazer os meus e*

*gancho e a direção eram feitos de pau branco”, relata.*  
“O cesto era útil nas brincadeiras e nos mandados de meu  
pai para ir a mercearia ou carregar água”, afirmou. “No percurso  
que fazia para pegar água eu e meus irmãos íamos brincando da  
da corona aos nossos sobrinhos”, acrescenta.

*O que mais ele gostava na brincadeira era que todos*  
ficavam unidos para construir o carrinho.

*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha*  
dos Santos, 21 anos





## *Carro de Manissobra*



*Leonço Santos Maciel, 23 anos, agricultor, disse que sente saudade de seu tempo de infância, quando brincava com carrinho de manissobra.*

*Ele brincava no terreiro de sua casa e nos caminhos que cortavam a comunidade Fernandes. Leonço mesmo fabricava o brinquedo, “usava rolo de manissobra para fazer os pneus, o gancho e a direção eram feitos de pau branco”, relata.*

*“O carro era útil nas brincadeiras e nos mandados de meu pai para ir a mercearia ou carregar água”, afirmou. “No percurso que fazia para pegar água eu e meus irmãos íamos brincando de dá carona aos nossos sobrinhos”, acrescenta.*

*O que mais ele gostava na brincadeira era que todos ficavam unidos para construir o carrinho.*

*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos*





## Pega - Pega

Wesllandya Vieira Lúcio, 13 anos, conta uma de suas brincadeiras preferidas, o pega-pega.

“Ela começa da seguinte maneira: uma das crianças que estão na brincadeira fica correndo atrás das outras, até que pegue alguma, que passa a ser o pegador. Nesta brincadeira não tem numero certo de crianças, brinca quantas quiserem”, explica Wesllandya.

Para ela o melhor da brincadeira é que não tem lugar certo para brincar, pode ser em qualquer lugar e a qualquer hora.

Texto de Suerdo Gomes Martins, 16 anos







O Cacique do Povo

*José Maria dos Santos, 65 anos, conhecido como Sotero, é uma das figuras mais importantes da aldeia, é uma pessoa simples que se dá com todas as pessoas.*

# Figuras Populares

*Sotero lembra dos tempos de dificuldade.*



Texto de Natália Lourenço Bernardi, 17 anos





## O Cacique do Povo



José Maria dos Santos, 65 anos, conhecido como Sotero, é uma das figuras mais ilustres entre a comunidade dos kanindé de Aratuba, ele é o cacique da aldeia, é uma pessoa simples que se dá com todas as pessoas.

Sotero lembra dos tempos de dificuldade, quando a comunidade era muito dividida. “No começo foi bem difícil, nem todo mundo apoiava, agora já conseguimos envolver quase toda a comunidade”, afirma.

O cacique é bastante ativo, é através dele que sendo realizadas pesquisas e projetos para as escolas e universidades, além de servir como uma fonte viva de estudo para as crianças, adolescentes e jovens da comunidade indígena, do povo Kanindé.

Para Sotero sua missão “é mostrar para a sociedade que a cultura indígena existe e sempre vai estar entre a sociedade”.

Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos





## Pajé Maciel

Uma figura muito importante na comunidade indígena é a figura do Pajé, agora vou contar um pouco sobre Manuel Constantino da Souza, conhecido como Pajé Maciel. Quem nos falou um pouco sobre esta figura ilustre foi Elenilson Gomes Martins, conhecido como Pelado.



Nosso entrevistado afirmou que apesar de não ter estudado o Pajé Maciel é uma pessoas de muita sabedoria, ele cura as pessoas e também faz remédios. Todos que o procuram são bem recebidos e lê se alegra em poder ajudar.

“Quando o povo assumiu publicamente sua identidade, ele foi escolhido como Pajé, pois ele era dotado de conhecimento e cura as pessoas”, explica Pelado. “Ele representa os encantados, é o responsável pela parte espiritual dos que moram na aldeia Kanindé”, concluiu.

Texto de Suerdo Gomes Martins, 16 anos

Para Terezinha o pai é um modelo a ser seguido, “tenho nele a inspiração para continuar a luta pelo povo indígena”, finaliza.

Texto de Francisco Evanildo dos Santos Silva, 19 anos





## Um Líder Nato!



Cícero Pereira dos Santos, 53 anos, é uma grande liderança entre os índios Kanindé. Quem falou um pouco sobre ele foi sua filha Terezinha, ela mostrou-se muito orgulhosa de seu pai.

“Hoje ele é uma liderança de todos os movimentos da comunidade indígena, ele não tem cara ruim, demonstra ser alegre todo o tempo”, diz a entrevistada.

O trabalho realizado por Cícero tem importante destaque, juntamente com as outras lideranças conseguiram um ótimo colégio e agora estão trazendo cursos de artesanato para a comunidade, dessa maneira as pessoas não ficam mais ociosas e tem a possibilidade de ter uma renda melhor. Cícero é presidente da Associação Indígena Kanindé de Aratuba - AIKA - e tem orgulho de suas conquistas.

Para Terezinha o pai é um modelo a ser seguido, “tenho nele a inspiração para continuar a luta pelo povo indígena”, finaliza.

Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 19 anos





## Terezinha Barroso

Terezinha Barroso da Silva, conhecida como Terezinha, foi uma pessoa muito importante na história do povo Kanindé de Aratuba, uma mulher lutadora, que enfrentou muitos desafios para lutar por aquilo que acreditava: a educação.



Eduardo Silva Vieira, conhecido como Dudu, conta que "foi ela quem começou a escola indígena, foi atrás dos recursos para os indígenas, ia atrás de projetos e brigou com pessoas que não queriam dar a terra para a capela de São José, foi ela quem começou a capela, fez muita coisa para o nosso povo".

Esta mulher forte e batalhadora deixou o seu povo muito cedo, pois faleceu aos 48 anos, mas seus feitos ficarão pra sempre guardados na história de seu povo.

Para homenageá-la Terezinha tem uma sala com seu nome na escola indígena.

Texto de Eduardo Gomes Martins, 16 anos

Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos





## *Tia Auzira*

*Auzira Gomes da Silva, 74 anos, mais conhecida como Tia Auzira, tem sua origem no sertão do Canindé, filha de Pedro Bernardo da Silva e Audenila de Andrade, mora na localidade Fernandes desde 1935.*



*Tia Auzira tem um papel muito importante em nossa comunidade, ela é responsável pela capela de São José, sempre deixando-a limpa e bem conservada para os eventos como as novenas de São José, missa do primeiro domingo, casamento, batizado e o terço.*

*Ela é uma pessoa muito querida por todos, desde pequenas as crianças a chamam de tia, pois ela ensina e catecismo e depois a crisma.*

*“Fico feliz por poder aproximar Deus de nossas crianças”, relata Tia Auzira.*

*Texto de Suerdo Gomes Martins, 16 anos*





## Rita Pequeno



Rita dos Santos Lúcio, 66 anos, conhecida como Rita Pequeno, é uma figura popular na comunidade devido ao trabalho que desenvolve na evangelização, ela é quem puxa o terço nas novenas.

“Antes a gente rezava o terço apenas nas casas, agora temos uma capela, uma grande conquista”, afirma Rita Pequeno.

Todos na comunidade a conhecem e falam sempre do carinho que ela tem com as crianças. “Quero que elas acreditem de Deus e agradeçam pela vida e pelas graças alcançadas”, finaliza Rita Pequeno.

Texto de Wesllandyia Vieira Teixeira Lúcio, 13 anos

Texto de Taboia Barroso da Silva, 16 anos e Cleonice Agostinho da Silva, 17 anos





## Palhaça Chocolate



Uma das figuras populares da Comunidade Fernandes é Francisca Guilhermina dos Santos Lúcio, que faz a alegria de todos quando se transforma na Palhaça Chocolate, nome dado por suas amigas.

“Desde o ano de 1989, nas festas da quadrilha, eu me visto de palhaça para alegrar as crianças de nossa comunidade”, relata Guilhermina. “Também tenho participado de outros eventos como os reisados e o Natal sem fome para ajudar os mais necessitados”, acrescenta.

A característica marcante de Guilhermina é sua originalidade, irreverência e alegria que contagia todas as pessoas.

É com grande satisfação que temos essa grande figura em nossa comunidade.

Texto de Fabíola Barroso da Silva, 16 anos e Cleonice Agostinho da Silva, 17 anos





Benza Deus

Maria Dagnar Teixeira Vieira Lucio, 30 anos, agricultora,  
fala de uma expressão muito utilizada pelos Kanindé: benza  
Deus.

*Expressões e Vocábulos Locais e Regionais*

Texto de Wesliandya Vieira Teixeira Lucio, 13 anos



Figura retirada do Livro *Fruto que brotou pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé*





## Benza Deus

Maria Dagmar Teixeira Vieira Lúcio, 30 anos, agricultora, fala de uma expressão muito utilizada pelos Kanindé: benza Deus.

“Utilizamos esse dizer sempre que pedimos a Deus para abençoar uma pessoa, um animal ou qualquer coisa, também é usada nas situações de espanto”, relata Dagmar.

“É importante que as crianças aprendam a nossa fala e a nossa cultura, por isso benza Deus”, finaliza.

Texto de Wesllândia Vieira Teixeira Lúcio, 13 anos





## *Sabacuzada*

Suerdo Gomes, mas conhecido como Suerdo, diz que na comunidade onde vive existem várias palavras típicas, uma delas é sabacuzada. Ele diz que não sabe quem inventou ou onde surgiu, só sabe que é usada em várias circunstâncias que se referem a pancada.

“Quando uma pessoa leva uma pancada, sempre tem alguém dizendo: ‘aquele rapaz levou uma sabacuzada na cabeça’ por exemplo”, diz Suerdo.

*Texto de José Lucivando Santos Silva, 15 anos*

*Figura retirada do Livro Fruto que brotou pela terra. Fogo Kanindé - Aratuba e Canindé*





*Museu Indígena do Povo Kanindé*

O museu indígena do povo Kanindé é um orgulho para seu povo, pois lá está registrada uma parte de sua história. Suzenilson da Silva Santos, coordenador do museu, diz: "é um pequeno cômodo, onde serve de resgate para a cultura do povo e que desenvolve um trabalho com estudantes e toda a comunidade", diz

## Instituições e Entidades Locais



Figura retirada do Livro *Fruto que brotou pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé*





## Museu Indígena do Povo Kanindé

O museu indígena do povo Kanindé é um orgulho para seu povo, pois lá está registrada uma parte de sua história. Suzenilson da Silva Santos, conhecido como Nalson, nos conta um pouco sobre esta instituição.

“É um espaço físico, localizado em uma pequeno cômodo, onde serve de resgate para a cultura do povo e que desenvolve um trabalho com estudantes e toda a comunidade”, diz Nalson.

O museu foi fundado pelo cacique da aldeia no ano de 1999, “foi fundado porque ele estava vendo a importância de resgatar a cultura do povo Kanindé, em mostrar e valorizar as especificidades do povo e, ao mesmo tempo, assegurar a memória e a história de nossos ancestrais”, relata.

Embora o espaço seja pequeno, lá tem muitos objetos da história dos Kanindé, tem bichos empalhados, artesanatos, instrumentos de caça e dança do povo. Nalson afirmou que o museu atrai muitos curiosos, “são pessoas de outras cidades que vem conhecer nossa história”.







*“O espaço físico já passou e passa por muitas dificuldades, pois é um local muito pequeno, mas tem uma verdadeira visão da cultura do povo Kanindé”, finaliza.*

*Texto de Natália Lourenço Bernardo, 17 anos*

*O senhor Cicero Pereira dos Santos, nos falou um pouco sobre a Associação Indígena Kanindé de Aratuba - AIXA.*

*Em 1995 o cacique Sotero e outras lideranças da comunidade fundaram a associação indígena com o objetivo lutar pelo reconhecimento e conseguir melhoras para o povo indígena.*

*Cicero relatou que de quatro em quatro anos tem eleição para decidir o novo presidente, que é eleito e empossado pelos associados. Hoje nesse entrevistado ocupa o cargo e vem fazendo um ótimo trabalho a frente de associação, que tem conseguido muitas conquistas, entre elas a escola e os cursos de artesanato.*

*Ainda diz que “nosso objetivo é se reunir todos os meses com associação para discutir educação, saúde, trabalho comunitário e um centro de artesanato com jovens e adultos”, finaliza.*

*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos*





*Reflexões feitas pelas Alunas da Escola Indígena  
sobre o que é ser Índio Kanindé de Aratuba*

## **AIKA**



*O senhor Cícero Pereira dos Santos, nos falou um pouco sobre a Associação Indígena Kanindé de Aratuba - AIKA.*

*Em 1995 o cacique Sotero e outras lideranças da comunidade fundaram a associação indígena com o objetivo lutar pelo reconhecimento e conseguir melhoras para o povo indígena.*

*Cícero relatou que de quatro em quatro anos tem eleição para decidir o novo presidente, que é eleito e empossado pelos associados. Hoje nosso entrevistado ocupa o cargo e vem fazendo um ótimo trabalho a frente da associação, que tem conseguido muitas conquistas, entre elas a escola e os cursos de artesanato.*

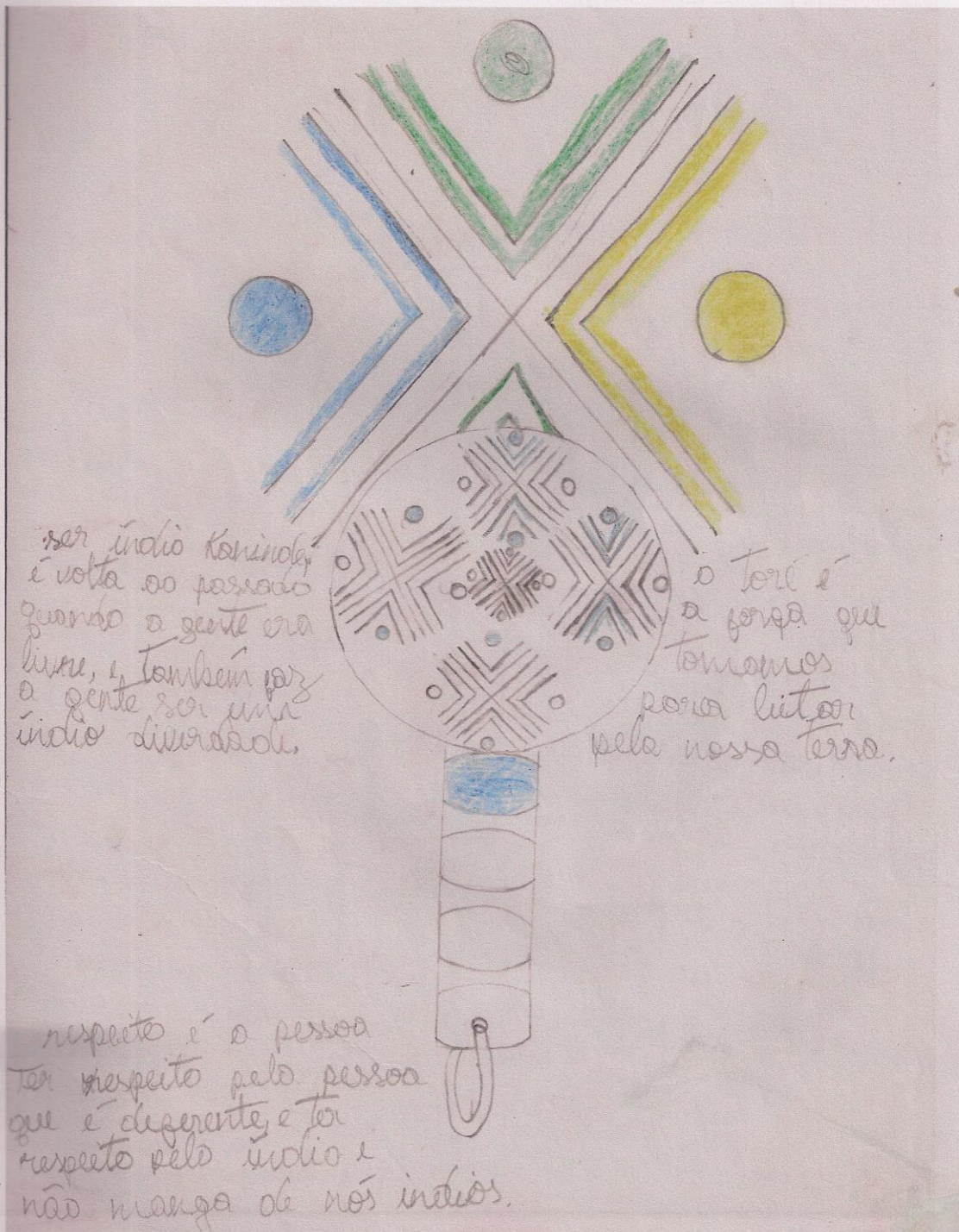
*Ainda diz que “nosso objetivo é se reunir todos os meses com associação para discutir educação, saúde, trabalho comunitário e um centro de artesanato com jovens e adultos”, finaliza.*

*Texto de Francisco Evandro dos Santos Silva, 18 anos e Terezinha dos Santos, 21 anos*





Reflexões feitas pelas crianças da Escola Indígena sobre o que é ser Índio Kanindé de Aratuba







Indio Kanindé  
Ser indio Kanindé é defender nossos direitos,  
e defender a natureza.

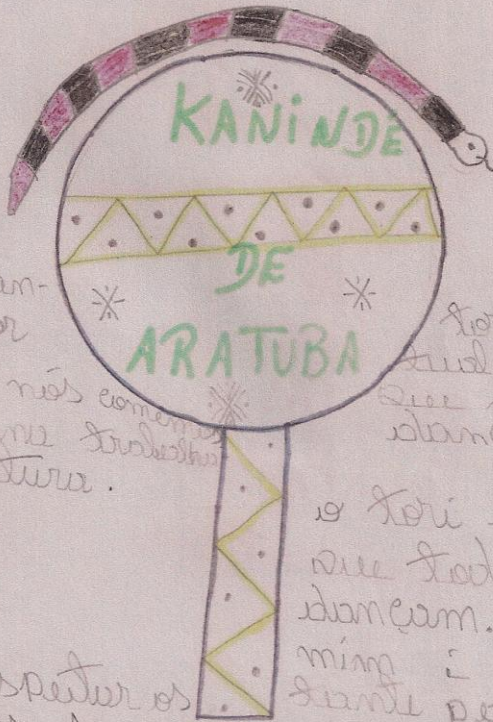
Cultura

Cultura é iden-  
ta e só é por  
exemplo? Se nós comemos  
uma Banana ~~trabalha~~  
já é cultura.

Respeito

Respeito é Respeitar os  
mais velhos. Se porra  
um Velhinho e um mi-  
nino diz assim é muito  
Falta de Respeito é muito  
Fico não Respeitar os mais velhos.

Aluna - Samara  
Professor - Suzenilson  
Sora - 6º e 7º ano.



Tori

Tori é um Ri-  
tual Sacramental  
que nós indios  
fazemos.

o Tori é um Ritual  
que todos os indios  
fazem. o Tori pre-  
mimo é muito impor-  
tante para os indios

Data - 03/06/18





1- no índio Kanindé a cantar  
no índio Kanindé é muito  
importante para mim  
porque reseta a nossa  
cultura.

2- ter a gente  
dançar a cultura  
e música é muito  
importante para  
o nosso povo.

3- respeito é a gente  
não pagar com os  
colugas do fôrto a  
respeitar os prope-  
ssores.



ALUNA = MARTA  
PROFESSOR = SUZANA LSON  
SERIE = 5ª SERIE  
ANO = 6º ANO

Assô Marta.

fum por fum feito por  
mim marta







## Jovens que realizaram o trabalho

Antonio Nilton Gomes dos Santos, 18 anos

Cleonice Agostinho da Silva, 17 anos

Djacir Gomes Silva, 16 anos

Eduardo da Silva Vieira, 16 anos

Elenilson Gomes dos Santos, 21 anos

Fabiola Barroso da Silva, 16 anos

Francisco Evandro dos Santos Silva, 19 anos

José Lucivando Santos Silva, 15 anos

José Roberto da Silva Santos, 19 anos

Natália Lourenço Bernardo, 17 anos

Pedro Wilson da Silva Santos, 17 anos

Suerdo Gomes Martins, 16 anos

Terezinha Gomes dos Santos, 21 anos

Wesllândia Vieira Lúcio, 13 anos